A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FABIANA ANDREO SILVA

RESUMO
A alfabetização e o letramento na Educação Infantil são processos fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. Enquanto a alfabetização envolve a decodificação do código escrito, o letramento possibilita o uso significativo da leitura e da escrita no cotidiano, ampliando a comunicação e a compreensão do mundo. Diante disso, esta pesquisa busca refletir sobre a importância desses processos nos primeiros anos escolares, destacando como se complementam e quais estratégias podem torná-los mais eficazes e prazerosos. Diante das dificuldades enfrentadas por muitas crianças no aprendizado da leitura e da escrita, é essencial repensar metodologias, incorporando práticas lúdicas, como jogos, brincadeiras e literatura infantil, para tornar o ensino mais significativo e envolvente. Este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições da alfabetização e do letramento na formação dos pequenos leitores e escritores, a partir de uma revisão bibliográfica fundamentada em autores renomados da área. A expectativa é que a pesquisa contribua para a reflexão de educadores e pesquisadores, incentivando práticas pedagógicas que valorizem não apenas a técnica, mas também o sentido e a funcionalidade da linguagem escrita. Afinal, alfabetizar e letrar é abrir caminhos para um futuro repleto de possibilidades e descobertas.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Aprender a ler e a escrever vai muito além de decifrar letras e palavras. A alfabetização e o letramento são pilares essenciais no crescimento das crianças, ajudando-as a pensar, se comunicar e interagir com o mundo. Enquanto a alfabetização ensina a decodificar o código escrito, o letramento é sobre dar significado a esse conhecimento, usando a leitura e a escrita no dia a dia. Na Educação Infantil, esses processos começam a ganhar forma, criando as bases para uma vida inteira de aprendizagem.

Justifica-se a pesquisa para entender como as crianças pequenas aprendem é fundamental para oferecer a elas experiências ricas e significativas. Cada criança tem seu tempo e seu jeito de aprender, e a escola precisa acolher essas diferenças. Diante das dificuldades que muitos alunos enfrentam, é preciso repensar estratégias, buscando métodos que tornem o aprendizado da leitura e da escrita mais natural, prazeroso e eficaz. Este trabalho traz como objetivo refletir sobre a importância da alfabetização e do letramento nos primeiros anos escolares, mostrando como eles se complementam e quais abordagens podem ajudar no desenvolvimento das crianças. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica, baseada em autores renomados da área, a fim de compreender as principais discussões teóricas sobre o tema e suas aplicações no contexto educacional.

A expectativa é que essa pesquisa inspire educadores e pesquisadores a repensar suas práticas, fortalecendo um ensino que valorize não só a técnica, mas também o significado por trás de cada palavra. Afinal, alfabetizar e letrar é abrir portas para um futuro de descobertas.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CAMINHOS QUE SE ENTRELAÇAM NA EDUCAÇÃO

Alfabetização e letramento são processos que se complementam na formação dos indivíduos, indo além do simples reconhecimento de letras e palavras. Imagine uma criança que sabe decifrar todas as palavras de um livro, mas não compreende a história, ou um adulto que assina o próprio nome, mas não consegue interpretar uma notícia no jornal.

Esses exemplos demonstram que ler e escrever não se resumem à decodificação de símbolos, mas envolvem a atribuição de significado a eles no mundo real. A alfabetização e o letramento são como dois lados da mesma moeda: enquanto a alfabetização ensina o código escrito, o letramento permite que esse conhecimento seja aplicado em

situações do cotidiano.
Segundo Moraes e Silva (2023) a alfabetização representa o primeiro passo, comparável ao aprendizado das regras de um jogo. É nessa fase que as crianças descobrem que cada letra tem um som, que as sílabas formam palavras e que essas palavras podem ser lidas e escritas. Estudos de pesquisadoras como Ferreiro (2020) mostram que essa aprendizagem não ocorre de maneira mecânica; pelo contrário, as crianças constroem hipóteses, testam ideias e, gradualmente, dominam o sistema de escrita. No entanto, se a escola se limitar a essa etapa, o aluno pode se tornar apenas um "decifrador" de textos, sem desenvolver a capacidade de utilizá-los de forma significativa. Isso seria como aprender a dirigir um carro apenas na teoria, sem nunca experimentar a prática.
O letramento, por sua vez, é onde a escrita ganha propósito e significado. Não basta apenas saber ler a palavra "água"; é preciso compreender o contexto em que ela aparece, seja em um rótulo, um poema ou um aviso de perigo. O letramento se manifesta em ações do dia a dia, como escrever uma carta para um amigo, interpretar uma receita de bolo ou discutir uma notícia nas redes sociais. Ele transforma a escrita em algo vivo e funcional, possibilitando que a criança explore o mundo de maneira mais profunda.
De acordo com Morttati (2023) por muito tempo, a escola tratou alfabetização e letramento como processos separados, ensinando primeiro as letras e, só depois, preocupando-se com a aplicação desse conhecimento. Hoje, sabe-se que essa divisão não faz sentido, pois a aprendizagem ocorre de maneira mais eficaz quando as crianças são incentivadas a brincar de escrever lista de compras, produzir bilhetes mesmo com erros, ouvir histórias e debater seus significados, além de criar textos reais, como convites ou diários. Quando alfabetização e letramento caminham juntos, a aprendizagem se torna mais significativa, evitando questionamentos como "para que isso serve?", pois a escrita já faz parte do dia a dia da criança.
O papel da escola e das famílias é fundamental nesse processo. Professores e responsáveis podem contribuir de diversas formas, como promovendo o contato com diferentes tipos de leitura, desde embalagens até contos de fadas, incentivando a escrita sem exigir perfeição desde o início e demonstrando como a escrita está presente no mundo, seja em placas, cartas, músicas ou até memes. O objetivo não é apenas formar alunos que saibam ler, mas cidadãos capazes de pensar, questionar e se expressar por meio da palavra (Tfouni, 2021).
Alfabetização e letramento são como sementes plantadas juntas: uma fornece a estrutura, enquanto a outra permite que o conhecimento floresça e se transforme em comunicação, crítica e criatividade. Na educação, é essencial cuidar de ambos para garantir que cada criança não apenas leia, mas compreenda; não apenas escreva, mas consiga se comunicar com clareza. Afinal, o verdadeiro poder das palavras está na sua capacidade de transformar realidades e ampliar horizontes.

OS MESTRES QUE REVOLUCIONARAM A ALFABETIZAÇÃO: FREIRE, FERREIRO, SOARES E TEBEROSKY

Aprender a ler e escrever nunca foi apenas sobre juntar letras. É um processo que envolve descoberta, identidade e poder. Quatro grandes pensadores Paulo Freire, Emília Ferreiro, Magda Soares e Ana Teberosky mudaram para sempre a forma como entendemos a alfabetização e o letramento. Eles nos mostraram que a escrita não é um código a ser decorado, mas uma ferramenta de liberdade, pensamento e conexão com o mundo.
Paulo Freire não via a alfabetização como uma simples técnica, mas como um caminho para a autonomia. Para ele, ensinar a ler era também ensinar a pensar o mundo. Seu método, criado nas comunidades de adultos analfabetos do Nordeste, partia de uma ideia simples: antes de ler palavras, precisamos "ler" a realidade. Ele utilizava palavras geradoras, ou seja, termos do cotidiano dos alunos, como "trabalho", "casa" e "terra", para iniciar a alfabetização, ligando a escrita às suas lutas sociais.
Além disso, defendia o diálogo em vez de uma aula tradicional, pois o professor não deveria ser um "detentor do saber", mas sim um parceiro na construção do conhecimento. Para Freire, a conscientização era essencial, pois aprender a escrever "chuva" ganhava sentido quando discutiam a seca

que viviam. Sua obra Pedagogia do Oprimido (1970) ainda hoje inspira educadores que acreditam que alfabetizar é libertar.
Já Emília Ferreiro revolucionou a alfabetização ao provar que as crianças não são "tábulas rasas", mas sim sujeitos ativos que pensam, testam e criam teorias sobre a escrita antes mesmo da escola. Com Ana Teberosky, ela mostrou que a aprendizagem passa por etapas fascinantes: na fase présilábica, a criança faz rabiscos que "imitam" a escrita, mas ainda sem relação com sons; na fase silábica, cada letra representa uma sílaba, como "CBO" para "cachorro"; e na fase alfabética, há o domínio do código, mesmo com erros criativos, como "cazoru" em vez de "cachorro". Seu livro Psicogênese da Língua Escrita (1979) enterrou métodos mecânicos de cartilha e defendeu que o erro é parte do aprendizado.
Magda Soares trouxe um olhar essencial: saber decifrar letras não significa saber usar a escrita na vida. Ela cunhou a diferença entre alfabetização dominar o sistema de escrita (letras, sílabas, ortografia) e letramento saber para que serve a escrita, seja para ler um jornal, escrever um protesto ou interpretar um meme. Em Letramento e Alfabetização (2003), ela alertou que uma criança pode ser alfabetizada na escola, mas não letrada se nunca viu seus pais lerem um livro. Daí a importância de ambientes ricos em textos, que vão além dos livros didáticos, incluindo receitas, placas, bilhetes e jornais.
Por fim, Ana Teberosky, parceira de Emília Ferreiro, mostrou que as crianças aprendem escrevendo "errado" e que os textos reais importam mais do que exercícios repetitivos. Listas de supermercado, nomes em murais e histórias lidas em voz alta ensinam mais do que simplesmente copiar palavras. Ela também defendeu que a escrita é social, pois, quando uma criança vê adultos lendo e escrevendo, ela quer participar desse "clube" dos letrados. Em Aprendendo a Escrever (1993), ela destacou que a sala de aula deve ser um laboratório de tentativas, onde os "erros" são degraus para a compreensão.
Esses quatro pensadores nos deixaram lições eternas: Freire mostrou que a alfabetização é política. Ferreiro provou que as crianças são pesquisadoras da língua; Soares ressaltou que ler e escrever só faz sentido no mundo real; e Teberosky reforçou que a escrita se aprende usando, não copiando. Hoje, suas ideias vivem em professores que discutem notícias em vez de apenas soletrar palavras, celebram os rabiscos das crianças como primeiras escritas e enchem a sala de aula de livros, cartas, jornais e histórias. Afinal, como diria Freire, "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção". Esses mestres nos ensinaram justamente isso: a alfabetização não é um fim é o começo de uma vida inteira de leitura do mundo.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES
A alfabetização e o letramento na Educação Infantil são processos interligados que se complementam: enquanto um ensina a decodificação da leitura e da escrita, o outro demonstra sua função social e utilidade no cotidiano. No Brasil, esses aspectos representam um grande desafio educacional, mas também uma oportunidade valiosa para transformar a vida das crianças desde a primeira infância. A alfabetização refere-se à aquisição do código escrito, ou seja, ao momento em que a criança percebe que os sinais gráficos representam sons e significados.
De acordo com Ferreiro (2020), esse processo não ocorre de forma passiva, mas sim por meio da formulação de hipóteses, testes e descobertas que levam ao domínio do alfabeto. Já o letramento vai além da mecânica da escrita, pois envolve o uso da leitura e da escrita em contextos reais. A criança precisa compreender a funcionalidade de um bilhete, uma receita ou uma história, e não apenas reconhecer letras e formar palavras. Magda Soares destaca que alfabetizar sem letrar equivale a ensinar a nadar em uma piscina vazia: a criança pode imitar os movimentos, mas não saberá como agir quando for colocada em uma situação real.

Diferentes teorias auxiliam na compreensão do processo de aprendizagem da escrita. O construtivismo, defendido por Ferreiro e Teberosky, considera que as crianças não são recipientes vazios, mas constroem seu próprio conhecimento sobre a escrita ao passar por diferentes estágios, desde os rabiscos até as primeiras palavras. Nesse pro-

cesso, os erros não representam falhas, mas evidências do pensamento em ação, como quando uma criança escreve "AU" para "cachorro".

Para Soares (2022) a perspectiva sociolinguística, proposta por Street, ressalta que a escrita não é neutra, pois reflete cultura, poder e identidade, sendo essencial discutir o porquê de certas palavras serem mais frequentes e quem são os autores dos textos lidos. Já o interacionismo, defendido por Vygotsky, destaca a importância das interações sociais no aprendizado, demonstrando que o contato com a leitura e a escrita em diferentes contextos, seja por meio de um professor lendo em voz alta, de um amigo compartilhando um livro ou de uma família escrevendo juntos a lista de compras, contribui significativamente para o desenvolvimento da alfabetização.

Na sala de aula, práticas pedagógicas eficazes podem fazer a diferença no processo de alfabetização e letramento. Criar um ambiente que incentive a leitura e a escrita, como cantos de leitura com livros acessíveis, o uso de nomes nos materiais escolares e a exposição de textos variados, torna o contato com a linguagem escrita mais natural e significativo.

O estímulo à contação de histórias, tanto na forma de ouvir, recontar ou inventar narrativas, ajuda a desenvolver o desejo de ler. Para Cardoso (2022) a valorização da escrita espontânea das crianças, permitindo que registrem palavras "do jeito delas", fortalece sua confiança e autonomia no aprendizado. Além disso, brincadeiras com palavras, como jogos de rimas e caça-palavras, tornam o aprendizado lúdico e envolvente. O uso de textos autênticos, como bilhetes, cartazes e notícias da escola, amplia a percepção das crianças sobre a função da escrita na vida cotidiana.

Mais do que um processo mecânico, alfabetizar e letrar na Educação Infantil significa proporcionar às crianças oportunidades para explorar sua curiosidade, perceber a escrita como uma ferramenta de comunicação e expressão e, sobretudo, garantir que todas, independentemente de sua origem, possam se reconhecer como leitoras e escritoras do mundo.

O USO DE JOGOS, BRINCADEIRAS E LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem na infância vai muito além da sala de aula, construindo-se por meio de vivências sensoriais, emocionais e sociais. Nesse contexto, os jogos, as brincadeiras e a literatura infantil tornam-se aliados essenciais. Brincar não é apenas uma forma de diversão, mas um caminho natural para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Contar histórias e propor atividades lúdicas estimula o raciocínio, a socialização e ajuda a criança a compreender o mundo através de diferentes formas de expressão.

Jogos e brincadeiras são mais do que simples passatempos; são ferramentas poderosas para a aprendizagem. Eles criam situações que desafiam a criança a resolver problemas, interagir com os colegas e exercitar a criatividade. Vygotsky (1984) enfatiza que a aprendizagem acontece nas trocas sociais, e o brincar amplia o conhecimento da criança. Brincadeiras como telefone sem fio, forca e caça-palavras trabalham a percepção dos sons e a identificação de padrões na língua, habilidades fundamentais para a alfabetização. Já quebra-cabeças, jogos de encaixe e atividades com rimas fortalecem a memória, a concentração e o raciocínio. Além disso, o lúdico ensina valores importantes, como cooperação, respeito às regras e divisão de tarefas, tornando-se uma estratégia essencial para um aprendizado mais significativo e motivador.

A literatura infantil, por sua vez, abre portas para o mundo das palavras, apresentando diferentes tipos de textos e enriquecendo o vocabulário e a cultura das crianças. Soares (2003) destaca que alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever, mas formar leitores capazes de usar a linguagem no dia a dia. Contos de fadas, fábulas, poesias e histórias rimadas não apenas divertem, mas também estimulam a imaginação e a empatia, permitindo que as crianças reflitam sobre sentimentos, valores e sua própria realidade.

Uma das práticas mais ricas para o desenvolvimento da linguagem é a contação de histórias. Segundo Vygotsky (1984), a fala se aprimora nas interações sociais, e ouvir narrativas ajuda a ampliar o repertório e a compreender melhor a estrutura dos textos.

O uso de fantoches, dramatizações e livros ilustrados torna a experiência ainda mais envolvente, ao mesmo tempo em que treina a escuta atenta, a expressão oral e a interpretação de textos, habilidades fundamentais para a leitura e a escrita. Dessa forma, ao integrar brincadeiras e literatura ao cotidiano infantil, proporciona-se um ambiente rico e estimulante para o aprendizado.

A IMPORTÂNCIA DE UM AMBIENTE ALFABETIZADOR NA ESCOLA E EM CASA

A alfabetização é muito mais do que o simples domínio do código escrito; é um processo complexo e dinâmico que envolve tanto o desenvolvimento cognitivo quanto a interação social da criança. Nesse contexto, o ambiente em que ela está inserida seja na escola ou em casa desempenha um papel decisivo. Um verdadeiro ambiente alfabetizador não se limita a expor a criança a letras e palavras, mas cria oportunidades significativas de interação com a linguagem escrita, despertando sua curiosidade e autonomia.

Na escola, a construção de um ambiente alfabetizador exige mais do que cartazes coloridos e listas de palavras. É preciso que o espaço seja intencionalmente organizado para promover experiências ricas e contextualizadas com a leitura e a escrita. Como destaca Soares (2020), a alfabetização só se consolida quando a criança compreende a função social da escrita, ou seja, quando percebe que ler e escrever são práticas presentes no cotidiano, e não apenas exercícios escolares.

Para isso, a sala de aula deve ser um lugar onde a escrita ganha vida: murais com produções dos alunos, cantinhos de leitura, rótulos nos objetos, livros acessíveis e atividades que incentivem a leitura compartilhada e a produção textual. O professor, nesse cenário, assume o papel de mediador, criando situações lúdicas e interativas como jogos de palavras, contação de histórias e rodas de leitura que transformam a alfabetização em um processo ativo e prazeroso.

Como aponta Vygotsky (1984), o aprendizado se dá nas interações sociais. Assim, a escola deve ser um espaço de troca, onde as crianças possam experimentar a escrita coletivamente, discutir textos e construir conhecimento em conjunto. Além disso, é fundamental integrar a oralidade ao processo de alfabetização, pois é por meio da fala que as crianças ampliam seu vocabulário, compreendem a estrutura dos textos e desenvolvem a consciência fonológica, habilidades essenciais para a leitura e a escrita.

De acordo com Hashimoto (2024) se a escola é o espaço formal de aprendizagem, a família é o primeiro ambiente alfabetizador da criança. Pesquisas mostram que crianças que crescem em lares onde a leitura é valorizada seja por meio de livros, revistas ou até mesmo pequenos hábitos, como escrever lista de compras desenvolvem maior familiaridade com a escrita e apresentam mais facilidade na alfabetização.

Ler para os filhos, incentivá-los a criar suas próprias histórias e celebrar suas tentativas de escrita são gestos simples, mas poderosos, que fazem toda a diferença. Ter acesso a livros, gibis e outros materiais escritos em casa também contribui para a formação de um repertório linguístico mais rico, facilitando a fluência na leitura e na escrita.

Além disso, o exemplo dos adultos é fundamental. Quando a criança vê seus pais ou cuidadores lendo seja um romance, um jornal ou mesmo uma mensagem no celular ela percebe que a escrita tem um sentido real no mundo. Assim, mais do que ensinar regras gramaticais, a família pode transformar a leitura e a escrita em atividades naturais e prazerosas, estimulando o interesse da criança pela linguagem.

Segundo Santos et al. (2024) a alfabetização não acontece no vácuo; ela é fruto de um contexto social e cultural que envolve escola, família e comunidade. Enquanto a escola deve oferecer um ambiente estruturado e estimulante, com práticas pedagógicas significativas, a família complementa esse processo, integrando a leitura e a escrita ao cotidiano da criança.

Reconhecer a importância do ambiente alfabetizador é essencial para repensar estratégias que tornem a alfabetização um processo natural, significativo e prazeroso. Investir nesses espaços desde a primeira infância é o caminho para formar leitores e escritores críticos, autônomos e engajados, capazes de usar a linguagem como ferramenta de expressão e transformação ao longo da vida.

CONCLUSÃO

A alfabetização na Educação Infantil não se resume a juntar sílabas ou copiar palavras. É um processo vivo, que envolve descobertas, interações e, acima de tudo, significado. Quando uma criança aprende a ler e escrever, ela não está apenas decifrando códigos está ganhando ferramentas para pensar, se expressar e participar do mundo à sua volta. Esta pesquisa reforça que alfabetização e letramento caminham juntos. Não basta dominar o "bê-á-bá" se a criança não compreender para que serve a escrita. Ler um bilhete, escrever seu nome, folhear um livro de histórias ou ajudar a fazer a lista do mercado são situações reais que mostram à criança: a linguagem escrita tem poder.

Aprender a ler e escrever não é só juntar letras e formar palavras. É muito mais do que isso. A alfabetização ajuda a entender o mundo, se comunicar melhor e até a ter mais independência no dia a dia. Mas não adianta só saber ler e escrever se não entende para que isso serve. É aí que entra o letramento, que faz com que a gente consiga usar a leitura e a escrita de um jeito útil e real, seja para ler um livro, mandar uma mensagem ou escrever um bilhete para alguém.

Na escola, um ambiente cheio de letras, livros e oportunidades para escrever faz toda a diferença. Só que não basta ter cartazes e textos na parede se as crianças não interagem com isso. Atividades como contar histórias, brincar com rimas e escrever pequenas frases ajudam muito a aprender de forma natural e divertida.

Mas não é só na escola que isso importa! Em casa, o exemplo dos pais e responsáveis faz toda a diferença. Quando uma criança vê alguém lendo um livro, anotando algo ou até mesmo escrevendo uma lista de compras, ela percebe que a escrita faz parte da vida real. Pequenos hábitos, como ler uma historinha antes de dormir ou escrever juntos, ajudam a criar esse interesse.

Cada criança aprende no seu tempo, e tudo bem! O importante é que esse processo seja respeitado e incentivado, sem pressão. Mais do que ensinar a ler e escrever, a alfabetização e o letramento preparam a gente para pensar, se expressar e se conectar com os outros. No fim das contas, aprender a ler e escrever não é só sobre decifrar palavras é sobre abrir portas para um mundo cheio de possibilidades.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Geni Santana. Alfabetização e letramento na educação infantil. Revista Primeira Evolução, v. 1, n. 31, p. 25-28, 2022.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em processo. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

HACHIMOTO, Angra Lima. Alfabetização e letramento na Educação Infantil: Construindo caminhos para o saber. Epitaya E-books, v. 1, n. 61, p. 117-124, 2024.

MORAIS, Artur Gomes; SILVA, Alexsandro. Alfabetização e letramento na educação infantil: o legado de Magda Soares. Revista Brasileira de Alfabetização, n. 20, p. 1-16, 2023.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil: uma história de sua história. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2023.

SANTOS, Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega et al. O uso de jogos e brincadeiras no processo de alfabetização e letramento na educação infantil.

Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, v. 11, n. 26, p. 168-187, 2024.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.